

AS DESEPERANÇAS DO PRESENTE

Valdemar Valente JUNIOR¹³¹

GALERA, Daniel. *Meia-noite e vinte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 202.

A necessidade do grupo de amigos em retornar a um passado recente se faz presente em *Meia-noite e vinte*, romance de Daniel Galera, como registro da morte de Andrei Dukelsky, um escritor de prestígio, a partir do convite para que Emiliano, jornalista em crise existencial e financeira, escreva a biografia do amigo recém-falecido. Essa retomada do tempo, ao final dos anos noventa, faz com que não somente a memória de Andrei seja trazida de volta, como, do mesmo modo, o significado de uma geração que pela primeira vez estabelece contato direto com a internet. No caso desses jovens, explicita-se a publicação de Orangotango, um fanzine que marca presença em todo o país, dele também tomando parte Aurora, bióloga e professora universitária, e Antero, artista de vanguarda que passa à condição de publicitário.

Na Porto Alegre do presente, a intensa onda de calor, a greve de ônibus que transtorna a rotina da cidade e a morte do escritor, por um usuário de crack que lhe rouba o smartphone, são como pontos de partida de um enredo que se sobrepõe ao cotidiano de incertezas de suas personagens como retorno a um período de desejos não devidamente realizados. Assim, a urgência em recuperar o fio do tempo implica em revirar o baú de reminiscências que vão da relação dos jovens de então com a novidade representada pela internet à memória individual que reprisa o lugar de cada

¹³¹ Doutor em Letras (Ciências da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Professor Assistente da Universidade Castelo Branco e da Faculdade Paraíso.

um no cenário de ação de um momento de transformações de âmbito pessoal e ao mesmo tempo coletivo.

Em vista da morte de Andrei Dukelsky, Aurora, Antero e Emiliano se revezam em intervalos sequentes da narrativa com suas visões acerca do mundo, como se a cada um fosse dado o direito de desenrolar o carretel dos fatos em idas e vindas entre o passado e o presente. Por isso, o reencontro no cemitério israelita reedita as lembranças do Orangotango, e o final dos anos noventa surge redivivo, diante da morte inesperada. A morte do amigo deflagra o começo de uma narrativa que se vê recontada, mesmo que dela não possa tomar parte seu membro mais talentoso, e ainda que os anos imponham quilos a mais e cabelos a menos, e as marcas dessa trajetória se mostrem memoráveis em seu rastro de destruições. O fanzine de quinze anos atrás se tornara obsoleto, do mesmo modo que as expectativas desses jovens que no presente se reúnem para contar os destroços e a sucessão de fracassos do que sobrou. O reencontro suscita uma esticada ao antigo bar, agora decadente, onde os estudantes sem muito dinheiro comiam pasteis e bebiam cerveja. Na única mesa ocupada do bar Sabor Um, o pastel de carne e a cerveja Serramalte trazem a morte de Andrei como complemento indigesto a que os amigos costumam a engolir, ruminando a dor diante da constatação da ineficácia da polícia gaúcha em prender o criminoso.

As questões do presente vêm à tona, a partir das manifestações de rua que tomam o país, aliadas à constatação da exclusão social a olhos nus nas imagens da miséria que assomam às ruas a todo instante. Acrescenta-se a isso a crise hídrica em São Paulo e as preocupações ambientais referentes ao futuro do planeta, haja vista a tensão decorrente das mudanças climáticas, das ameaças de radiação e da extinção em massa. Nesse tom, a conversa tende a seguir o caminho apocalíptico das coisas presentes, quando se constata que a morte de Andrei, nas circunstâncias de como se deu, coincide com o fim de um mundo que só ele conheceu, ainda que buscasse compartilhá-lo através da literatura.

Assim, a bióloga, o jornalista e o publicitário encontram no espaço do que se restitui no afeto que se dispersara a oportunidade de passar a limpo os descaminhos

do que em pouco mais de uma década mudara seus destinos, bem como os destinos do país. Mas a vida prossegue do lado de fora das lendas que se consolidam em torno dos que vão embora prematuramente, na memória dos antigos jovens reunidos na mesa de um bar, a tentarem cerzir o que se esfarrapara, recompondo cada linha desfiada de um tecido várias vezes remendado, por conta do que parece habitar a casa do sem jeito.

As festas ao som de Madonna, Duran Duran e Village People dizem respeito ao final dos anos noventa como prenúncio da comunicação eletrônica que chegaria ao seu limite extremo, tornando a internet discada um ritual rudimentar, obsoleto, quase pré-histórico. Desse modo, o vídeo gravado por Andrei, encontrado quase sem querer no notebook, é a senha de que Emiliano se serve para desenrolar a história que precisa narrar, a pedido do editor, em no máximo sete meses. As reminiscências suscitadas pelo vídeo, do mesmo modo, trazem de volta o caso passageiro do jornalista com o escritor, o que resulta em sensação de perda do que nunca chegaria a um termo.

A relação, rápida e eletrizante, deixaria em Emiliano o desejo de guardar para sempre alguém como Andrei, que lhe fora responsável pela descoberta do que representa amar alguém mais do que a si próprio. Por isso, a revelação de um escritor que passa a despertar o interesse do público e da crítica não corresponde à banalidade da morte que vai ao seu encontro de forma tão inesperada, quando sua produção parecia potencializar o melhor momento de sua carreira. Daí não restar nenhuma dúvida a Emiliano, que envia um WhatsApp ao editor aceitando o convite para escrever a biografia.

Em sentido sequencial, a vida de cada uma dessas personagens envolvidas com Andrei Dukelsky, do Oranotango a sua morte, oscila no que se refere ao espaço da narração, retornando ao fim dos anos noventa, para em seguida constatar o enorme vazio diante de um apocalipse que não se cumpriu, transformando-se em festa do milênio. Assim, a narrativa segue o rumo dos fatos em direção a um futuro que se faz presente a cada instante que se vive. As manifestações de rua que tomam o país contra o aumento das passagens de ônibus e se generalizam em torno de

reivindicações sociais assumem o lugar dos acontecimentos, na volta de cada um ao presente. Por sua vez, a gaveta do passado abre-se, a partir do contato com uma manifestante que identifica Emiliano na multidão como um dos autores do Orangotango, remetendo-o ao tempo em que o fanzine exercia enorme fascínio sobre o público jovem. A sucessão dos fatos induz ao retorno de Antero para sua casa, quando, ao deixar de atender a um telefonema de Aurora, fica sem saber da gravidez decorrente da noite que passaram em um motel, após a bebedeira que sucedeu o enterro de Andrei. De volta a São Paulo, o aborto teria sido para Aurora a alternativa mais viável ao encontro com alguém a quem sempre evitara, na época em que produziam o Orangotango, mas que agora representava mais um acerto de contas com o tempo.

Diante da reprovação no exame de qualificação do doutorado, quando a implicância pessoal de um membro da banca a impede de defender a tese acerca da produção de alimentos sem adubo sintético ou agrotóxicos, capaz de alimentar mais pessoas, a partir de solos de menor qualidade, Aurora se dá conta de que tudo redundava na velocidade de um mundo que tem pressa em consumir, como se a ciência se colocasse sempre a serviço do lucro. Daí a sucessão de desencontros que marca a trajetória de uma geração que se depara com as desesperanças do presente, colocando-se no espaço confortável de uma memória que faz da juventude um lugar ideal ante a irresoluções que se apresentam.

O entusiasmo diante do fanzine acaba por situar seus membros no plano de uma realidade virtual que assume proporções inimagináveis nos anos seguintes, repercutindo no esvaziamento das relações pessoais que a cada dia mais sofrem com a urgência em se chegar a lugar nenhum, em vista da precarização dos afetos, transferidos para o ambiente da internet como resposta ao que não se sustenta na materialidade das ações. Diante disso, a aprovação no exame de qualificação, dias depois, e o turbilhão dos acontecimentos trazem à luz um sentimento de perplexidade, em vista de um mundo que parece em pleno estado de êxtase, ou ainda, de paralisia, do qual não adianta fugir.

As instruções deixadas por Andrei a Francine, sua namorada, para que na eventualidade de sua morte seus textos inéditos, bem como todos os seus registros na internet fossem destruídos e apagados, estavam contidas em uma carta que ela se negou a mostrar a Emiliano. Além disso, os manuscritos franqueados por Francine acerca de um romance apocalíptico que Andrei pretendia publicar muito pouco contribuem como material para a biografia. No entanto, na ausência de provas consubstanciais que servissem à configuração da obra, Emiliano começa a ater-se em pistas que vão se revelando, no transcurso de sua pesquisa, chegando ao aplicativo SprintRun, que lhe possibilita ter acesso a uma página destinada a aficionados por corrida, sabendo de antemão que o assassinato se dera por ocasião dessa prática esportiva, quando Andrei passava pela calçada do seu prédio, e logo em seguida tivera roubado o smartphone.

Neste aplicativo, se encontram as rotas percorridas, em Porto Alegre como em outras cidades, fora do estado e do país, onde participava de eventos literários. Assim, a persistência de Emiliano o faz percorrer o caminho de Andrei no dia de sua morte, chegando ao extremo de tentar encontrar entre os restos da sujeira deixada pelos viciados em crack os pedaços do aparelho destruído pelo assassino. De retorno ao apartamento de Francine, escuta dela a revelação do amor que Andrei nutria por ele. Daí o projeto da biografia parece ficar em suspenso, quando Francine e Emiliano se envolvem, sugerindo com isso não somente um ponto final ao plano de seus desejos, como também a tudo quando se dispersa e deixa de fazer sentido.

Recebido em 11/12/2016.

Aceito em 27/12/2016.